

Olhar para a Sexualidade a partir da Perspectiva Psicanalítica Relacional

Paula Campos

Resumo

O tema desta conferência nasce do interesse da autora em compreender a área mental da sexualidade abdicando do conceito de pulsão e recorrendo à teoria relacional. Baseia-se no livro de Stephen Mitchell “Relational Concepts in Psychoanalysis” e coloca duas principais questões. A primeira questão é: ao abdicarmos do conceito de pulsão para compreender a sexualidade, como podemos compreender a sua força? A segunda questão é: ao abdicarmos do conceito de pulsão, como podemos compreender a natureza conflitual da sexualidade?

Vai, no sentido de propor respostas às perguntas que coloca, fazendo um contraponto entre a teoria pulsional e várias perspectivas da linha relacional e termina com a proposta de uma nova forma de olhar para o complexo de Édipo.

Palavras-chave: Sexualidade; Sexualidade sem Pulsão; Stephen Mitchell; Configurações Relacionais,

Abstract

The theme of this conference arises from the author’s interest in understanding the mental area of sexuality, abdicating the concept of drive and resorting to relational theory. It is based on Stephen Mitchell’s book “Relational Concepts in Psychoanalysis” and poses two main questions. The first question is: when we give up the concept of drive to understand sexuality, how can we understand its strength? The second question is: when we give up the concept of drive, how can we understand the conflictual nature of sexuality?

It goes, in the sense of proposing answers to the questions it poses, making a counterpoint between the drive theory and several perspectives of the relational line and ends with the proposal of a new way of looking at the Oedipus complex.

Key words: Sexuality; Stephen Mitchell; Sexuality without drive; Relational Settings

Se é verdade o que Frank Summers (2012) disse no seu trabalho acerca da rebelião da subjectividade e se a psicanálise é, como o mesmo afirmou, o último bastião na luta contra a objectividade, temos nós, psicanalistas e psicoterapeutas psicanalíticos uma tarefa importantíssima do ponto de vista social: devolver o valor da subjectividade aos fenómenos da vida humana.

No que diz respeito à sexualidade diz-se, faz-se, disse-se e fez-se muita coisa: dissipou-se o silêncio, dissolveram-se receios infundados, apagaram-se os terrores da ignorância, esclareceram-se cada um dos mecanismos da erecção, da ejaculação, do orgasmo e da fecundação. Informou-se sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis, dos métodos contraceptivos, das técnicas seguras e menos seguras, organizaram-se seminários, cursos, reuniões, responderam-se a perguntas (Green, 2000), enfim fez-se um bom trabalho no campo da objectividade.

A concepção psicanalítica da sexualidade diferencia-se de todas as outras por englobar as formas não aparentes, inconscientes, ligadas ao contexto intrapsíquico, interpessoal e cultural, à afectividade, às representações. Ao mesmo tempo que esta comunicação tem o propósito de conhecer, interpretar, problematizar, desvelar, tem, paradoxalmente, o propósito de envolver a sexualidade humana na subjectividade e, em certa medida devolver-lhe a sua aura de mistério. Mistério que beberá certamente do enigma existencial da infância: de onde vêm os bebés? Curiosamente, e em direcção oposta à da sociedade não psicanalítica, a psicanálise pós Freud, viveu uma espécie de recessão do sexual que se manteve até há relativamente pouco tempo.

É que se viveram tempos difíceis na relação da psicanálise com a sexualidade. Se a teoria Freudiana se baseava numa relação de causalidade entre a pulsão e a sexualidade, funcionando sob uma espécie de lei que dizia que a sexualidade era a chave para compreender os problemas psíquicos, quando os modelos relacionais ou até mesmo autores ditos “Freudianos” relegam o conceito de pulsão para um segundo plano ou, noutros casos, negam ou omitem o conceito de pulsão, houve dificuldade em explicar ou mesmo compreender a força motivacional e estrutural da sexualidade.

O que é a sexualidade e de onde vem a sua força?

Freud entendeu sempre que a função essencial do sistema nervoso é o controlo da excitação, representando a doença neurótica uma sobrecarga de energia, uma sobrecarga quantitativa que excede a capacidade regulatória do sistema nervoso. Antes de 1897, Freud pensava que a origem das excitações sexuais patogénicas eram impressões externas, seduções sexuais na infância precoce. Nestas primeiras definições, Freud pensava na sexualidade, pelo menos a neurótica, dentro do contexto das primeiras relações com outras pessoas significativas.

Em 1897, como Freud explicou por carta a Fliess, deixou de acreditar na sua teoria da sedução porque percebeu que “as estruturas psíquicas que nas histerias se vêm

afectadas por repressões, na realidade não são memórias..., mas impulsos”. (1985, p. 239) Assim, o aumento do estímulo na neurose deixou de ser produto de uma impressão vinda do exterior, mas do interior. E assim, nasceu o conceito de pulsão. A pulsão, tensão corporal com representação psíquica, ficou, então, estabelecida como o constituinte básico e a matéria-prima da vida mental.

O conceito de pulsão permitiu a Freud ver que os motivos sexuais estão presentes desde o princípio, que tratam de descarregar-se e que não são estimulados desde fora. Uma teoria mental com um esquema à priori substituiu o enfoque mais interactivo; agora as pulsões contém em si mesmas toda a força e os princípios de organização mediante os quais a mente se desenvolve, solução apresentada formalmente nos “Três Ensaio da Teoria Sexual”, em 1905.

Freud afirma que não deveria ter dado tanta importância ao objecto no despertar da reacção sexual, considerando agora que o objecto é um pequeno factor que se agrega posteriormente, uma das infinitas possibilidades que a pulsão sexual tão promíscua, veleidosa, tem para se vincular. Mais que despertar a sexualidade, o objecto é apenas um sobrevivente de todas as outras formas de prazer sexual que foram excluídas pelas restrições culturais (cit. por Mitchell, 1988).

Cada uma das principais escolas psicanalíticas contemporâneas representa uma estratégia particular para resolver o seguinte dilema: o choque entre os dados clínicos (abunda informação referente à importância das relações com os outros) e o marco conceptual Freudiano (relega as relações para um papel secundário). (Greenberg & Mitchell, 1983).

Quando os teóricos começam a contestar o conceito de pulsão enquanto vestígio filogenético ou mesmo a omitir o conceito de pulsão nas suas construções teóricas, começamos a observar uma mudança fundamental. A sexualidade deixa de ser o elemento central à volta do qual toda a personalidade se constitui, passando as relações de objecto a ter uma importância fundamental na constituição do Self.

Assim, a maneira com que as teorias do modelo relacional explicam a relação entre a sexualidade e as relações objectais é exactamente a contrária em que é interpretada no modelo Freudiano. Para Freud, as relações objectais são o terreno em que as pulsões se expressam, gratificam e “se atacam”. Para o teórico relacional, a sexualidade é o terreno em que se expressam as configurações relacionais. (Mitchell, 1988).

Nesta lógica relacional, as perguntas a que a teoria Freudiana tinha respondido mediante a teoria pulsional, voltam a ecoar. Se a sexualidade não é impulsionada de dentro por uma força intrínseca, mas sim de fora, onde vai buscar a sua força?

Para Freud, conservamos impulsos animais nos tecidos do nosso corpo e estes impulsos são a fonte da força da sexualidade e da sua natureza problemática.

As tentativas de resposta mediante uma teoria Freudiana contemporânea, na qual não se faça uso do conceito de pulsão enquanto vestígio filogenético, como o faz George Klein (1976), Holt (1976) e Shafer (1976), explicam a grande importância motivacional e estrutural da sexualidade pela intensidade das primeiras experiências de prazer. Há algo que marca verdadeiramente a contribuição destes autores: a visão de que não é a experiência sexual que impulsiona uma pessoa, mas que é a pessoa que busca a experiência sexual devido aos significados que foi constituindo dentro de si relacionados com a experiência sexual ao longo do seu desenvolvimento.

Veremos agora as tentativas de resposta mediante uma teoria da sexualidade com uma perspectiva relacional.

Dentro das teorias que operam segundo o modelo relacional, há uma enorme variabilidade de concepções acerca do psiquismo humano, mas há uma invariante: a mente desenvolve-se a partir de uma matriz relacional e a psicopatologia advém de alterações nas relações interpessoais. Os autores dividem-se naquilo que se supõe serem as necessidades mais essenciais e fundamentais considerando uns que a prioridade é o sentido do Self, outros que são os vínculos objectais ou outros os padrões de interacção.

O ponto de vista de Stephen Mitchell, que é o mesmo que o nosso, é que estas três dimensões são facetas indispensáveis da investigação analítica, pois os seres humanos regulam simultaneamente o Self e o campo relacional. Interessa-nos tanto criar e conservar um sentido de Self estável e coerente; e criar e manter contactos seguros com os outros tanto na realidade como em presença interna.

Voltando à força da sexualidade, em termos gerais as tentativas de resposta podem dividir-se em dois grupos: os que se centram na dimensão objectal da matriz relacional e os que se centram no Self. Um dos grupos destaca o vínculo com o outro e como se produz e conserva e o outro grupo destaca a continuidade do self e a conservação da identidade. (Mitchell, 1988).

O papel do vínculo com os outros na experiência sexual.

É uma ironia que Melanie Klein (1945, 1957), apesar de toda a sua fidelidade à teoria pulsional, considere que a sexualidade não é um fenómeno que se desenvolva tardiamente, mas é o principal meio para representar e levar a cabo as fortes lutas entre o ódio e o amor, a destruição e a reparação, lutas que formam o núcleo das primeiras relações objectais (a genitalidade, os problemas edípicos, o desenvolvimento do Super-Eu, surgem durante 1º ano de vida).

Neste contexto, dar e receber prazer sexual adquire um grande significado. Proporcionar uma experiência sexual satisfatória para si próprio e para alguém mais, é o testemunho do triunfo das nossas capacidades de reparação em relação às de destrutividade, é um testemunho da nossa capacidade de manter vivos os objectos internos e externos. Da mesma maneira, receber e experimentar prazer sexual do

outro e com o outro adquire um significado relacionado com a identificação com os nossos objectos internos, agora vivos e mais felizes do que destruídos e vazios (Mitchell, 1988).

Mesmo que muitos elementos do panorama de Klein sejam amplamente discutíveis, o feito de que coloque a sexualidade genital no meio dos aspectos que intervêm nas relações objectais e não depois delas, tece um forte impacto em muitos autores que não são Kleinianos.

Khan e Kernberg (1980) terão sido dois dos mais originais seguidores do caminho aberto por Klein, para que compreendamos a natureza e função da sexualidade. Khan (1979), inclui alguns dos conceitos básicos de Klein numa perspectiva winnicottiana, destacando a ideia da experiência de transição e localiza as perversões sexuais dentro deste terreno de transição. A mãe do futuro perverso alimentou e cuidou fisicamente com generosidade, mas de maneira distante e impessoal. Devido ao fracasso da mãe em relacionar-se de maneira mais pessoal e única, a criança fixa-se às primeiras sensações físicas tentando reparar o dano e reanimar o seu Self infortunado. Desde a perspectiva de Khan a outra pessoa nunca é realmente outra pessoa para o perverso, mas um objecto de transição que ele manipula e acomoda para recriar o vínculo com a mãe e procurar sentir-se completo. A perversão funciona como uma “técnica de intimidade de natureza profundamente solitária” e embora duas pessoas participem numa modalidade interactiva, em essência, tudo é invenção de uma delas. Não há relação objectal e por isso não há nutrição.

Assim, para Klein e Khan, a sexualidade não desencadeia a acção endógenamente, levando a pessoa a relacionar-se com os outros; mas as características físicas e fisiológicas da sexualidade empregam-se para estabelecer e expressar esquemas e necessidades relacionais prévias.

A Sexualidade e a Auto-Organização

Outra perspectiva para perceber a força da sexualidade sem o conceito metapsicológico de pulsão centra-se no papel da experiência sexual no modelamento e conservação do sentido do Self ou identidade.

Na teoria pulsional clássica as urgências e os desejos psicosexuais são o motor da experiência e do comportamento e o sentido que cada um tem do seu Self deriva-se destes motivos essenciais. Muitos autores de diferentes escolas inverteram esta sequência, afirmando que para o humano o mais importante é manter o sentido de identidade e continuidade e que as experiências sexuais muitas vezes obtêm o seu significado e intensidade ao cumprir esse fim. (Mitchell, 1988).

Lichtenstein (1961) em “Identidade e sexualidade” analisa a sexualidade de maneira muito semelhante. Diz que o Homem, diferente dos animais, carece de uma identidade inscrita biologicamente e deve forjá-la ele mesmo. E é devido à falta desta ordem biológica que a conservação da identidade tem prioridade sobre qualquer

outro princípio, não só o princípio da realidade, mas o princípio do prazer. Segundo ele, o núcleo da identidade cria-se nas primeiras interações sexuais entre a mãe e o bebé.

Outras colaborações mais recentes que analisam a sexualidade desde o ponto de vista da identidade centram-se na identidade sexual e dizem que o estabelecimento e conservação do sentido de ser homem ou mulher constitui o motivo fundamental de grande parte do comportamento e fantasias sexuais. Estes autores baseiam-se no estudo sociológico de Simon e Gagnon (1973) que constitui uma crítica ampla ao conceito de Freud da sexualidade como instinto inato e perigoso. Afirmam que todos os aspectos da excitação e saciedade provem de contextos sociais e significados sociais a que dão o nome de guiões.

Em suma, para o teórico relacional, seja numa óptica do Self ou do vínculo objectal, o que dá força e significado à sexualidade são os significados que se agregam às sensações fisiológicas num contexto relacional com outra pessoa.

A variedade quase infinita das possibilidades sexuais do Homem, faz com que a sexualidade seja um rico contexto de metáforas para expressar diferentes tipos de relações e diferentes conjuntos de contactos entre o self e os outros. E além desta dimensão que considera a sexualidade como o terreno em que se expressam as configurações relacionais, surge também, nestas considerações da psicologia do Self, a sexualidade enquanto veículo do desenvolvimento e estrutura psíquica. Ou seja, a sexualidade é construída pela experiência relacional e também participa na sua construção. Corroborando esta afirmação, Slavin (2016), psicanalista Americano que cunhou o termo “assassinato da alma” para descrever o processo psíquico levado a cabo pelo abusador sexual, diz que a sexualidade é fundamental na criação do nosso sentido de agentividade.

Estas correntes consideradas em conjunto demonstram como a inscrição numa matriz interactiva relacional, pode servir de alternativa para a teoria clássica pulsional na explicação da grande variedade e força da experiência sexual humana.

Porque é conflitual a sexualidade, porque é que se transforma no campo de batalha no qual se travam as lutas relacionais?

Para Freud, ainda que a sexualidade se expresse nas experiências com os outros, não é universalmente problemática pelo que fazem ou deixam de fazer os objectos. A sexualidade é universalmente problemática porque é antagónica e agressiva para o outro, porque as necessidades inatas do indivíduo, por força chocam com a dimensão das relações sociais e culturais.

No sistema Freudiano (1920), a sexualidade e depois a agressividade (1920) é o vínculo fundamental com o nosso passado animal.

É difícil integrar a sexualidade com outras dimensões das relações interpessoais, pois esta constitui um vestígio dos órgãos primitivos do homem, dos seus primeiros dias como proto-humano pré-civilizado.

Os autores que se afastaram da teoria pulsional geralmente vêem a sexualidade como algo que aparece mais tarde e só se torna conflitual quando se relaciona com os problemas das fases anteriores. Desta maneira, Sullivan interpreta a sexualidade ao estilo pré-Freudiano e assinala que esta surge durante as fases hormonais da puberdade, minimizando a importância da natureza profundamente sexual da infância. Tanto Fairbairn quanto Kohut localizam a sexualidade na fase edípica, ao mesmo tempo em que consideram que os conflitos edípicos e sexuais derivam dos conflitos pré-edípicos anteriores.

Para estes teóricos, a experiência da sexualidade somente é conflitual e animal quando intervêm problemas mais fundamentais: em circunstâncias normais a sexualidade integra-se sem dificuldade nos aspectos não sexuais da vida emocional. Cremos que a sexualidade implica sempre uma dose de conflitualidade, pelo que esta interpretação não vai de encontro ao saber clínico.

Sem o conceito de pulsão, a sexualidade é a capacidade para o prazer sensual. Então, porque se torna tão conflitual?

Os teóricos Freudianos do nosso tempo (que descartaram o conceito Freudiano de pulsão) respondem a esta questão através da natureza incestuosa dos desejos infantis. Todas as nossas primeiras reacções sexuais que são tão intensas dirigem-se aos pais; devido ao tabu do incesto estes desejos são proibidos e tornam-se conflituais. O choque entre a intensidade da experiência sexual infantil e o seu trágico destino é o que produz os conflitos sexuais, que são a base da psicopatologia. (Mitchell, 1988).

Estas versões contemporâneas da teoria Freudiana da sexualidade, são distintas das de Freud. O problema da sexualidade não radica na sua natureza à priori, mas no campo interactivo das relações, que lhe proporcionam os seus significados. Do ponto de vista relacional, abordaremos três factores que Mitchell (1988) elenca para tentar responder à pergunta que vimos fazendo.

1) como a sexualidade compreende uma interpretação dos corpos e das necessidades, faz com que as suas intermináveis variações sirvam para representar desejos, conflitos e negociações do Self com os outros.

As dialécticas das intimidades corporais e sexuais colocam-nos em relação com o outro: em cima, em baixo, dentro, fora, controlando, submetendo-se, etc.

2) a fenomenologia da excitação sexual e o sentimento de ser impulsionado proporcionam um vocabulário natural para a expressão dramática que compreende o conflito, o temor, a compulsão, o escape, a paixão e o êxtase.

Freud pensou que o activador da excitação consistia nas pressões fisiológicas e endógenas que exigiam descarga. Holt (1976), Person (1980) e outros citam conside-

ráveis provas de que a fisiologia sexual nos animais e humanos não produz a sua própria energia; trata-se sim de um sistema de reacção a chaves internas, a activadores sociais. Por exemplo, as hormonas não causam pressão interna, mas sim controlo da excitabilidade, das reacções no campo das relações... Desta maneira, a biologia da sexualidade é importantíssima desde uma perspectiva interactiva, pois proporciona o meio no qual se libertam os conflitos relacionais (cit. por Mitchell.1988).

3) a reserva da experiência de sexualidade dos pais, da qual estamos excluídos faz com que seja muito adequada para adquirir significados a respeito de uma divisão de terrenos interpessoais: o inacessível e o acessível, o visível e o sombrio, a superfície e a profundidade.

Parece que não precisamos da ideia de pulsão para explicar a universalidade do conflito sexual e a experiência do desejo.

E a sexualidade infantil?

Os autores que conservam a teoria pulsional indicando que a dinâmica das relações objectais é anterior, como por exemplo na teoria do desenvolvimento suspenso, afirmam que as relações objectais também são importantes, mas são anteriores ao desenvolvimento da sexualidade. Estas teorias acabaram por contribuir para uma visão bifurcada do ciclo vital: os bebés têm necessidades de relação e as crianças e os adultos enfrentam conflitos entre os impulsos instintivos e as defesas.

Pensamos, antes, que os aspectos ditos edípicos, são essenciais para as primeiras relações objectais e que os chamados aspectos pré-edípicos (aspectos das relações objectais) são essenciais durante todo o ciclo vital.

A teoria das relações de objecto olha para o desenvolvimento psicosexual como resultado directo da qualidade das relações de objecto. Relações de objecto saudáveis conduzem a relações sexuais saudáveis com um objecto total e separado. Isto parece ser verdade e em nada contradiz os fundamentos de uma teoria relacional. Mas uma vez que a teoria das relações de objecto considera que o estilo de relação objectal é constituído na infância e que a vida adulta é uma repetição do que já foi constituído, isto conduz-nos à visão de que o presente é uma espécie de capa debaixo da qual o passado, com muito mais força causal, dirige a vida psíquica.

Nestas duas vertentes teóricas, a criança é o pai do homem.

Mitchell, vem ampliar esta visão.

Talvez as dificuldades posteriores da vida não sejam produtos causais directos das carências e problemas precoces, mas uma combinação do impacto da experiência precoce e das reacções aos conflitos posteriores.

Segundo esta perspectiva, o meio interpessoal desempenha um papel constante e

essencial na criação da experiência, nomeadamente da experiência sexual. As primeiras experiências não têm significado porque constituem a base estrutural que permanece fixa, mas porque constituem a primeira representação de esquemas de estrutura familiar e de interacção que se repetem uma e outra vez em diferentes formas e momentos. É essencial compreender o passado, não porque o passado está oculto ou debaixo do presente, mas porque compreendendo-o obtém-se a chave para decifrar como e porquê o presente se observa e configura de determinada maneira (Mitchell, 1988).

Assim, pensamos que as necessidades e conflitos relacionais são questões de toda a vida, bem como as necessidades e conflitos sexuais.

E o Édipo?

Talvez possamos reconfigurar a ideia de Édipo. De uma forma sucinta e apoiando-nos na perspectiva de Jody Messler Davies (2004), podemos conceber o complexo de Édipo como a expressão de uma tensão significativa entre o romance pais-filhos e o romance entre o casal parental. Na perda desta tensão, que me parece ser uma tensão que se estende por muito, mas muito mais tempo do que aquele concedido ao período edípico, quiçá uma tensão de toda a vida, é necessário, segundo Davies, ter uma experiência preponderante enquanto vencedor do Édipo- a par de uma experiência enquanto perdedor do Édipo. Ou seja, é necessário que a criança tenha momentos em que se sente o centro de uma espécie de atenção erotizada, do romance e de uma agência pessoal sexual, mas também é necessário viver experiências profundamente tristes, dolorosas quando percebe que há algo mais que acontece entre o casal parental, do qual ela é excluída.

O estado edípico é, nesta nova perspectiva, a descoberta de que o próprio destino se desenvolve no interior de um complexo constituído pela família e por um mundo interno de criação própria (Bollas, 1999).

Antonino Ferro (2011), diz-nos, acerca do conto de Sófocles, que precisamos de novos mitos, precisamos de fazer um esforço para gerar continuamente novos mitos dentro da sala de análise, mitos privados de cada dupla, mas também novos mitos colectivos que sirvam de condensados da experiência e que abram novas perspectivas.

Gostaria, por fim, de referir, outras áreas de discussão teórica actual dentro do tema desta conferência, como por exemplo a questão da sexualidade no espaço psicoterapêutico. Jody Messler Davies (2004) diz-nos que devemos encontrar uma linguagem, com a dupla característica de ser clara e não excessiva, para falar com os nossos pacientes acerca da sexualidade que emerge na experiência clínica.

No período Pós-Freud e sobretudo nas concepções anglo-saxónicas do desenvolvimento, a mãe passou a surgir muito dessexualizada. A necessidade de compreender a dimensão relacional da vida psíquica e descentralizar o desenvolvimento e organização da actividade psíquica do sexual, conduziram-nos para a observação

de bebés, para um foco nas necessidades de desenvolvimento e na adaptação ou desadaptação materna a tais necessidades. As referências ao prazer, ao erotismo produzido na intimidade do par mãe-bebé, voltam hoje a ecoar nas discussões psicanalíticas.

Outra questão que tem recebido muita atenção dos teóricos é a questão da sexualidade feminina e é talvez aquela que nunca tenha sofrido uma recessão ao nível da discussão teórico-clínica. A teoria clássica essencialmente falocêntrica, conduziu todas as análises de mulheres à desvelação da angústia de castração e da inveja do pénis, o que veio a provocar em um número considerável de psicanalistas, algumas feministas, a necessidade de reconfiguração do conceito de sexualidade feminina. Nesta reconfiguração refiro o conceito de centralidade da feminilidade primária, criado por Stoller em 1976, a partir do qual pôde começar-se a pensar que a menina desenvolve uma identidade feminina precoce a partir de um conhecimento cinestésico interior genital e a partir da nomeação, pela sua mãe, dos seus órgãos sexuais. Seria, no entendimento de Lerner (1976), a falha desta nomeação por parte da mãe da menina que conduziria à fantasia de castração.

Espero ter conseguido demonstrar que o campo da sexualidade é um espaço potencial de descoberta, criação e mistério, pelo que não há nenhuma razão para que não possamos recuperar a sensação que imagino terem tido os primeiros psicanalistas de serem aventureiros do espírito e descobridores de novos “continentes”.

Referências

Bollas., C. (1999) *The Mystery of Things*. Routledge.

Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Artmed Editora.

Freud, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII

Freud, S. (1961). Beyond the pleasure principle. (J. Strachey, Ed.). W W Norton & Co

Freud, S. (1985) *The complete letters of Sigmund Freud to Wilhem Fliess, 1887-1904* trans.and ed.J.M. Masson. Cambridge, mass: Belknap Press, Harvard University Press.

Green, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Climepsi Editores.

Greenberg, J., & Mitchell, S. (1983). *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Harvard University Press.

Holt, R. R. (1976). Drive or wish? A reconsideration of the psychoanalytic theory of motivation. *Psychological Issues*, 9 (4, Mono 36), 158–197.

Kernberg (1980). *Internal World and External Reality..* Jason Aronson

Khan, M. (1979). *Alienation in Perversions*. International Universities Press.

Klein, G. (1976). Freud`s two theories of Sexuality. Psychology vs Metapsychology, ed. M.Guill e P. Holzman. International Universities Press

Klein, M. (1945). The Oedipus complex in the light of early anxieties. *The International Journal of Psychoanalysis*, 26, 11–33.

Klein, M. (1957). *Envy and gratitude; a study of unconscious sources*. Basic Books.

Lerner, H. (1976). Parental mislabeling of female genitals as a determinant of penis envy and learning in women. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 24, : 269-283. (APA.024S.0269A).

Lichtenstein, H. (1961) Identity and sexuality: a study of their interrelationship in man. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 9, 9:179-260.

Mitchell, S. (1988). *Relational Concepts in Psychoanalysis. An Integration*. Harvard College.

Person, E. (1980). Sexuality as the Mainstay of Identity: psychoanalytic perspectives. *Sigma*, 5: 605-630

Schafer, R. (1976). *A new language for psychoanalysis*. Yale University Press.

Simon, J. & Gagnon, W. (1973). *Sexual Conduct*. Aldine.

Slavin, J. (2016) "I Have Been Trying to Get Them to Respond to Me": Sexuality and Agency in Psychoanalysis, *Contemporary Psychoanalysis*, 52:1, 1-20, DOI: [10.1080/00107530.2015.1118675](https://doi.org/10.1080/00107530.2015.1118675)

Slavin, J. H.; Oxenhandler, N., Seligman, S., Stein, R., Davies, J., & Messler, D. (2004). Dialogues on Sexuality in Development and Treatment. *Studies in Gender and Sexuality*. 5 (4), 371-418...

Stoller, R. (1976). Primary Feminity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 24, 24 (Suppl.):59-78. (APA.024S.0059A)

Summers, F. (2012). Psychoanalysis, the Tyranny of Objectivism, and the Rebellion of the Subjective. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*. 9. 10.1002/aps.310.